

# A tragédia dos kranhacãrore

Os kranhacãrore — os “índios gigantes”, considerados um dos últimos grupos humanos verdadeiramente primitivos do mundo — foram transferidos, no segundo domingo de janeiro, do rio Peixoto de Azevedo, no Extremo Norte de Mato Grosso, para o Parque Nacional do Xingu. O deslocamento, determinado pelo presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, e organizado pelo sertanista Cláudio Villas Boas, teve por objetivo cortar o contato — extremamente pernicioso para os indígenas — com o homem branco, às margens da estrada Cuiabá—Santarém. As autoridades acreditam que, no Xingu, os kranhacãrore poderão preservar o pouco que resta de sua cultura. O repórter José Marqueiz acompanhou para VISÃO a mudança dos “índios gigantes”. Seu relato:

Parado no meio da pista de pouso do Posto Diauarum, onde os kranhacãrore desembarcaram de dois C-47 da FAB, Cláudio Villas Boas parecia indiferente a tudo. Na verdade, como con-

fessaria depois, estava vivendo momentos de profunda angústia, ao ver descer dos dois aviões, magros, pálidos, tristes e doentes, os membros que haviam sobrevivido da até recentemente orgulhosa tribo — com a qual ele fora o primeiro branco a entrar em contato, em fevereiro de 1973.

Então, Cláudio ficara satisfeito. Pensava ter concluído com êxito sua missão de pacificador, que lhe valera até uma indicação para o Prêmio Nobel da paz. Havia conquistado, depois de quase 23 anos (as primeiras informações sobre os kranhacãrore datam de 1950), a confiança daqueles índios arredios, habitantes de ampla área florestal do rio Peixoto de Azevedo.

Os kranhacãrore não eram propriamente “índios gigantes”, como se imaginava, mas, sem dúvida, saudáveis: 1,70 a 1,80 m de altura, musculosos, os olhos vivos. Pintavam-se de preto, com tinta de jenipapo, cortavam o cabelo bem rente e tinham no corpo várias cicatrizes, de cortes feitos com lâminas vegetais, descendo em perpendicular até a altura do umbigo. Tra-

92/01/09  
6ppppp 22d



A bordo de um C-47 da FAB, no rumo da difícil reconstrução de uma cultura

GERALDO GUIMARÃES

ziam facas penduradas no pescoço por um cordão e usavam brincos de cera, em forma de cone, com a base em concha. Sua linguagem não era entendida nem pelos índios aculturados que faziam parte da expedição comandada por Cláudio Villas Boas.

Estabelecido o primeiro contato, o sertanista permaneceu às margens do rio Peixoto. Começou então a aprender algumas coisas sobre esses índios. Notou, por exemplo, que os kranhacãrore não apareciam na outra margem, à época das chuvas; depois des-

de suas flechas de pontas afiadas com reentrâncias verticais invertidas. Consideravam a cachoeira do Corococó, no rio Peixoto, um lugar sagrado, pois acreditavam ter-se originado ali seu grupo tribal.

Consolidada a aproximação com os kranhacãrore, em março de 1973, Cláudio Villas Boas deixou a selva. Foi substituído, interinamente, por Apoena Meirelles e Antônio Campinas. Começaria então a degradação dos costumes dos "índios gigantes". Antônio Campinas os teria induzido ao

vas dentro da tribo (por exemplo, a caça dividida igualmente entre todos), foi substituída em pouco tempo por um avarento sistema de trocas, baseado na propriedade e não mais na necessidade, aprendido com os brancos da Cuiabá—Santarém.

Inúteis camisas de cores vistosas eram obtidas em troca de brincos e colares. Por chicletes os kranhacãrore davam seus artesanatos e também suas armas — bordunas, arcos e flechas, antes imprescindíveis à sobrevivência. Logo deixaram de caçar e as

tradicionais atividades espontâneas (o artesanato, por exemplo) transformaram-se em atividades mercantis: fazer objetos para trocá-los por bugi-gangas. Da auto-suficiência passaram à dependência e à submissão ao branco. Os velhos mecanismos de defesa da identidade étnica e cultural da tribo já não funcionavam: se, antes, os kranhacãrore atribuíam magicamente ao homem branco seus males cotidianos (uma doença, a falta de caça), agora os consideravam fatos naturais.

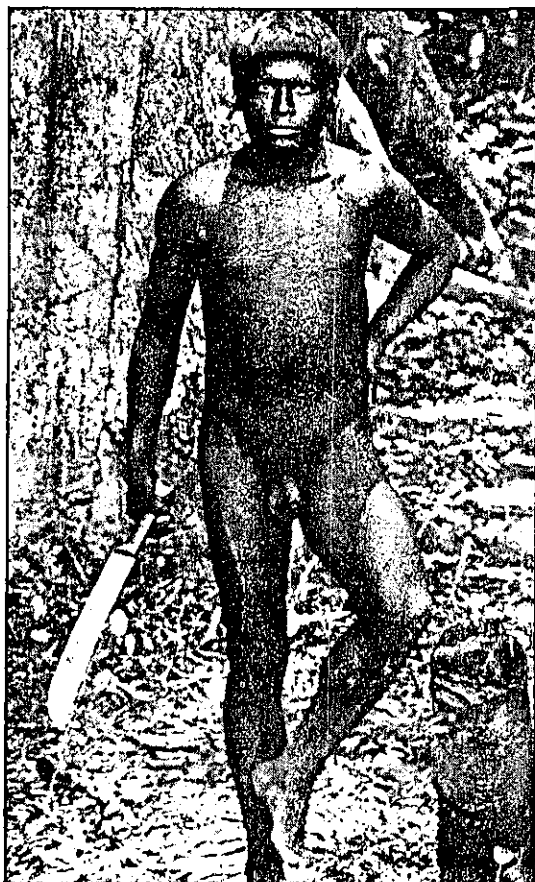
A rudimentar estrutura política da tribo ruiu em questão de meses: o chefe — que chegara ao posto por sucessão hereditária, na condição de filho mais velho — perdeu completamente a autoridade.

Para ele também, ser caçique já não significava muita coisa no novo estilo de vida.

Em pouco tempo, os índios homens passaram a mendigar na beira de estrada; as moças se prostituíram. À desorganização social e à desmoralização individual, juntaram-se as doenças — gripe, sarampo, pneumonia — e a subnutrição.

Dos 139 kranhacãrore encontrados por Cláudio Villas Boas há dois anos, apenas 79 desembarcaram no Posto Diauarum, este mês.

Tentarão reorganizar a tribo em Ianatop, a Terra das Palmeiras, na margem direita do Xingu, entre os postos Leonardo Villas Boas e Diauarum. Cláudio acha que dificilmente conseguirão. E, quando os kranhacãrore seguiram para suas novas aldeias, o sertanista abaixou-se e, discretamente, lavou as mãos no rio Xingu.



JOSE MARQUIZ / A.E.



GERALDO GUIMARÃES

De fevereiro de 1973 a janeiro de 1975: os frutos do convívio com os homens brancos

cobriu que o motivo não era medo do homem branco: simplesmente não sabiam nadar e tampouco conheciam embarcações. Esperavam baixar o nível das águas para chegar à outra margem e, sorrateiramente, apanhar os presentes que Cláudio pendurava num tapiri, na clareira da floresta.

Mais tarde, pôde-se saber porque sua língua era incompreensível: falavam um dialeto jê tupinizado, diferente dos dez dialetos de quatro famílias lingüísticas falados pelos índios do Xingu. E ficou-se sabendo que não conheciam a rede, e dormiam em esteiras feitas com folhas de bananeira. Também desconheciam a cabaça e conduziam a água do rio até suas aldeias circulares em cestos de finas tiras de bambu. Alimentavam-se principalmente de banana e da caça, abatida com violentos golpes de suas pesadas bordunas ou por certos tiros

homossexualismo. A Funai não desmentiu nem confirmou o noticiário da imprensa, mas afastou o sertanista Campinas. Apoena também foi embora e os kranhacãrore passaram a andar livremente pelas matas.

#### A destruição de uma tribo

Descobriram assim um novo mundo: uma grande faixa de terra vermelha atravessando a selva — a Cuiabá—Santarém, por onde começavam a rodar os primeiros caminhões. A partir daí, intensificou-se o contato dos kranhacãrore com os brancos. E acelerou-se, sem que ninguém o impedisse, o processo de sua desarticulação como tribo.

A repartição comunitária das coisas, que caracterizava até então as relações sociais e as atividades produtivas